

O LEGENDARIUM DE J.R.R. TOLKIEN: VIAGENS, ALTERIDADES E PAISAGENS DA TERRA MÉDIA

Prof. Dr. Humberto Fois Braga (UFJF)
Prof. Dr. Guilherme A. P. Malta (UFJF)
Organizadores deste número

A presente edição da *Ipotesi* Revista de Estudos Literários (v. 27, n. 1, jan./jun. 2023), do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, Brasil, traz como tema central “O *Legendarium* de J.R.R. Tolkien: a literatura de fantasia como expressão de um mundo possível (paisagens, alteridades e mobilidades pela Terra Média)”. Com tal escopo, buscamos dar visibilidade aos 50 anos de falecimento do britânico J.R.R. Tolkien, ocorrido em 02 de setembro de 1973, aproveitando esta data para refletir sobre seu legado literário. J.R.R. Tolkien foi um profícuo filólogo, professor e escritor inglês que inovou a literatura de fantasia do século XX, tornando-se referência para tal estilo narrativo ao construir o seu *Legendarium*, ou seja, uma mitopoética para seu mundo secundário denominado Arda, cuja origem se encontra no canto dos Ainur, seres sagrados gerados pelo Supremo Eru Ilúvatar. Esta Grande Música da criação, conhecida como *Ainulindalë*, gerou tudo que existe neste mundo mitológico, dentre os quais se encontra a Terra Média da Terceira Era, popularizada em obras como *The Hobbit* (lançada originalmente em 1937) e *The Lord of the Rings* (publicado em formato de trilogia entre 1954 e 1955).

Os textos aqui reunidos têm como intuito discutir a obra de J.R.R. Tolkien, em especial a partir das teorias dos “mundos possíveis ficcionais” em diálogo com as temáticas sobre paisagens, mobilidades, alteridades e hostilidades/hospitalidades. Para tal escritor-construtor de Arda e da Terra Média, as narrativas históricas e de aventuras precisam se apoiar em uma geografia possível (CLUTE; GRANT, 1999, FERRÉ; FRÉDERIC, 2019), com suas paisagens topofílicas e topofóbicas (TUAN, 1980). Esse mundo erguido pela narrativa deve estar povoado por diversos seres que se articulam em torno de linguagens e sociabilidades próprias, logo, quando postos em deslocamentos para cumprir uma missão, os representantes de tais povos devem conviver e desafiar as múltiplas alteridades com as quais se deparam, pedindo acolhidas ou enfrentando as hostilidades. Ainda para Tolkien, enquanto um toque pessoal, a “marca especial de féria” seria a presença de dragões (TOLKIEN, 2020 [1964], p. 51).

No presente dossiê temático, temos a satisfação de apresentar aos leitores nove artigos que se debruçam sobre a obra e o legado tolkieniano a partir de múltiplas vertentes. Em termos de organização da sequência de leitura, dispusemos os textos em três grandes blocos discursivos.

No primeiro momento, apresentamos textos que dialogam com a gênese mitopoética de Tolkien. Assim, em “A palavra cantada e a dissonância em *Ainulindalë*: o conflito dialógico para a criação do mundo mitológico de Tolkien”, os autores Fábio Luiz de Castro Dias, Marco Antonio Villarta-Neder e Raphael Soares Sales nos mostram como a canção *Ainulindalë*, presente em *O Silmarillion*, traz um conflito dialógico entre os personagens que participam deste momento *fiat lux* do universo de J.R.R. Tolkien; e como, por isso, toda a historicidade posterior estará impregnada por esta potência criativa que retorna à gênese. Já em “Martírio no paraíso: uma representação simbólica da depressão em *O Silmarillion* de J.R.R. Tolkien”, as autoras Débora Furtado Moraes e Naiara Sales Araújo Santos servem-se de teóricos da literatura de fantasia, de manuais de saúde mental e de estudos dos símbolos para argumentar que a personagem élfica Miriel, em *O Silmarillion*, ainda que vivendo no suposto paraíso que constituía a Primeira Era da mitopoética tolkieniana, mesmo assim sofria de melancolia pautada em perdas e rupturas.

No segundo momento, trazemos os textos de autores que refletem sobre a Segunda Era da mitopoética de J.R.R. Tolkien, servindo-se para tal de análises das obras *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*. Em “Do mapa ao mito: a geografia da Terra-Média”, Amanda Laís Jacobsen de Oliveira demonstra-nos como a técnica narrativa constrói espacialidades visíveis da Terra Média, e que para além de suas nuances geomorfológicas são sentidas como mais ou menos topofílicas. Ainda nesta vertente, o texto “O espaço como narração secundária em *O Senhor Dos Anéis*”, Fellip Agner Trindade Andrade discute a importância da espacialidade como determinante do caráter e ação dos personagens, participando como elemento propulsor da narrativa. Já em “Sobre *Hobbits* e A Grande Guerra: a jornada do herói comum”, Evandro Fantoni Rodrigues Alves e Maria Victória Ruela de Seixas defendem o argumento de que Bilbo é um personagem representativo da jornada do herói comum, mais especificamente os soldados que lutaram na Primeira Guerra do século XX. Em “Alegoria e aplicabilidade: o encontro entre o real e o fantástico nos hobbits de Tolkien”, Isabela Delli Colli Zocolaro Turino e Renata Junqueira de Souza discutem, de uma maneira próxima aos estudos da recepção, como os elementos de fantasia, fantástico e maravilhoso que permeiam o universo diegético da Terra Média podem contribuir na construção de uma sensibilidade do leitor a respeito de sua vida que transita entre o cotidiano e as aventuras, o prosaico e o fantástico.

Em um terceiro e último bloco discursivo, trazemos as contribuições de pesquisadores que refletem sobre o paradigma feérico de J.R.R. Tolkien, que abordam questões sobre tradução e a respeito do legado de suas obras. No primeiro caso, no artigo “Caminhando por espaços élficos e humanos: uma análise de heterotopias e de cartografias afetivas em *Ferreiro de Bosque Grande*, de J. R. R. Tolkien”, Rafael Senra Coelho demonstra como a tensão espacial entre a aldeia humana e a élfica serve como forma de construir uma perspectiva sobre a funcionalidade do espaço élfico enquanto terra da resistência e da utopia, o que se torna uma premissa recorrente em todas as obras do escritor. Em “Traduções feéricas em J. R. R. Tolkien: o *Ferreiro do Bosque Maior*, de J. R. R. Tolkien, na tradução de Cristina Casagrande”, Hélio Parente de Vasconcelos Neto e Walter Carlos Costa discutem a mesma obra do artigo anterior, agora com um novo título a partir da nova tradução realizada, cotejando os processos tradutórios com as premissas tolkienianas sobre o que caracterizaria um conto de fadas. Finalmente, fechando o dossiê, trazemos o artigo “Tolkien, Pullman e a ansiedade da influência”, de Guilherme Pereira Rodrigues Borges, comenta como a obra de J.R.R. Tolkien tornou-se um legado capaz de influenciar escritores contemporâneos, ao mesmo tempo em que estes escritores produzem uma tensão ideológica com os paradigmas tolkienianos que caracterizaram sua literatura de fantasia.

A revista *Ipotesi* também possui a seção "Outros Textos" (com artigos que não são contemplados pelo tema do Dossiê, mas que possuem relevância na área dos Estudos Literários). E nesta edição trazemos artigos que contribuem em diversas vertentes para a constituição de uma crítica literária. Temos, assim, o intitulado “O conflito dialético em *Pais e Filhos*, de Ivân Turguêniev”, em que Angiuli Copetti de Aguiar demonstra como o diálogo e a tensão entre diversos pontos de vista constitui a ética e a estética do romancista russo. Em “Drummond e os agouros de morte: uma interpretação tragicômica de *Tarde de Maio*”, Cleber Ranieri Ribas de Almeida discute sobre a intertextualidade do poema drummondiano, cujas metáforas extraídas da Revista *Orfeu* serviam à uma motivação irônica do poeta. Em “O inverno e o verão como representação do exílio na obra de Albert Camus e Isabel Allende”, Maria Vitória de Almeida Athayde e Daniela Mantarro Callipo comentam como a escritora chilena-norte-americana opta por uma epígrafe que resgata uma frase do escritor francês, de modo a constituir uma dialogia com a temática do inverno. Já “De Guimarães e Serafins, narrativas que se configuram como experiências ontológicas: nota sobre o conto ‘Nada e a Nossa Condição’”, Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora e Giseli Gomes Dalla-Nora nos trazem uma análise da estilística narrativa roseana na construção do personagem Tio Man’Antônio. Por fim, no artigo “Aspectos metaficcionais em *Trapo*, de Cristovão Tezza”, Ana Erica Reis da Silva Kühn nos

mostra como as personagens escritoras em tal romance promovem um mise-en-abyme que suscita reflexões sobre o processo de criação de uma obra literária.

Na seção de resenhas, o pesquisador Hélio Parente de Vasconcelos Neto se dedica à uma análise crítica da obra “Metafísica da subcriação: a filosofia do mito em J.R.R. Tolkien”, de autoria de Diego Klautau. Já Jennifer da Silva Gramiani Celeste reflete sobre como Bilbo pode ser considerado um herói pícaro, e para tal nos traz considerações a respeito do romance “O Hobbit”.

Finalmente, na seção de “escrita criativa”, José D’Assunção Barros nos traz o poema “O Anjo”, enquanto Marcelo Calderari Miguel um outro intitulado “Vulgo Castelinho, Biblioteca Ciro Vieira da Cunha”. Já Camila Geovana Alves da Silva, com o texto “Resenha de Moça, tu é mais poesia do que mulher, de Felipe E.”, desconstrói a proposta de referencialização das resenhas literárias, preenchendo tal formato acadêmico-científico com sua criação artística, em uma espécie de “resenha ficcional” - como ela diz em mensagem aos editores: “o texto resenhado é inventado, bem como todas as informações dispostas no texto”.

Os textos aqui reunidos trazem um panorama diversificado que, esperamos, contribuirão para as reflexões dos leitores interessados.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

CLUTE, John; GRANT, John. *The encyclopedia of fantasy*. New York: St. Martin’s Griffin, 1999.

FERRÉ, Martin; FRÉDERIC, Manfrin (dir). *Tolkien: voyage en terre du milieu*. Paris: Bibliothèque Nationale de France (BNF), 17 octobre 2019 (catalogue).

TOLKIEN, J.R.R. *Árvore e folha*. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2020.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.